



A EXPOSIÇÃO ORAL: FORMAS ENRIQUECEDORAS DO REPERTÓRIO LINGUÍSTICO E DISCURSIVO DO ALUNO

AVELAR, Maria Suely Teixeira¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais/Profletras/suavelar@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir a importância da exposição oral formal nas séries finais do Ensino Fundamental II e o uso das apresentações orais como forma de propiciar esse desenvolvimento. Essa discussão e análise surgiram da percepção da dificuldade de um grande número de alunos, já nas séries finais do Ensino Médio, de se expressarem adequadamente em situações de exposição oral formal. Desse modo, a proposta é apurar o nível de utilização da exposição oral em sala de aula e como o professor tem utilizado essa prática. O resultado esperado é provar que o trabalho com o gênero oral em sala de aula deve ser visto como um objeto de ensino e não apenas como uma simples forma de avaliar a apreensão de um conteúdo.

Palavras-chave: Exposição oral, Gênero oral, Objeto de ensino, Oralidade

1. Introdução:

Quando se fala em comunicação, muitas são as formas de que dispomos para efetivá-la. Embora, historicamente, haja uma visível valorização da comunicação escrita sobre as demais formas, não se pode negar que é, por meio da linguagem oral, que mais nos manifestamos. Por se tratar de uma modalidade que está sujeita a diversas influências externas, como o nível social, o grau de escolaridade, os regionalismos, o nível de formalidade e outros mais, a linguagem oral ainda não se firmou como um objeto de ensino nas salas de aula, embora tal assunto seja amplamente abordado, em diversas obras, por renomados linguistas.

Ao analisar o desempenho oral de alunos, prestes a encerrar a Educação Básica, por ocasião de uma apresentação de trabalho, pôde-se perceber a dificuldade de apresentarem uma expressão fluente, livre de vícios de fala e de cacoetes próprios



da fala informal. Além disso, esses alunos não demonstraram afinidade com a atividade proposta, dando a entender que aquela não era uma forma usual de demonstrarem seus conhecimentos acerca de determinado assunto.

Diante disso, surgiu a necessidade de se ampliarem os conhecimentos sobre a utilização das apresentações orais sistematizadas como forma de melhorar o repertório oral dos alunos e de torná-los expositores mais eficientes de conteúdos referenciais. Este artigo, porém, não atinge ainda a aplicação de atividades de exposição oral em sala de aula, mas busca, em primeiro plano, apurar a visão do aluno, ao final do Ensino Fundamental II, sobre a sua experiência com esse tipo de atividade. Foi desenvolvida, então, uma pesquisa qualitativa cujo objetivo era de apurar o nível de familiaridade que os alunos têm com atividades de apresentação oral em sala de aula e como tal prática é desenvolvida. A pesquisa foi feita em uma turma de 32 alunos do nono ano do Ensino Fundamental II, de uma escola pública.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para se iniciar um trabalho com o gênero oral, é preciso, primeiramente, que se conceitue o que é a exposição oral. Isso se faz necessário para que tal prática não se torne apenas mais uma atividade inócua cujos objetivos não ficam claros e sua aplicação não se torne um mero exercício de treinamento de oralidade formal. Para Dolz e Schneuwly et al (2004 p.218), a exposição oral é considerada:

Um gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira estruturada, para lhe transmitir informações, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa.

De uma forma geral, a exposição tem longa tradição no ambiente escolar e já teve, em épocas anteriores, lugar de destaque na formação de alunos. Estes eram, muitas vezes, treinados para apresentações públicas e eram alvo de deferências e de elogios. Hoje, porém, essa prática ainda se aplica nas escolas, mas sem que um trabalho didático reflexivo e analítico seja efetuado.



Na apresentação oral, o expositor se coloca como alguém que domina um conteúdo e o expõe para uma assistência que se posiciona para ouvi-lo. O trabalho didático com exposição oral deve propiciar ao aluno um repertório sobre o qual ele possa construir operações linguísticas próprias desse gênero de texto. O expositor deve, durante a exposição, dominar elementos essenciais como a coesão temática, a distinção das ideias principais e das secundárias, a utilização de exemplos para criar a empatia do destinatário e as possibilidades de reformulações para tornar claros elementos desconhecidos do destinatário.

Além disso, ao trabalhar o gênero oral em sala de aula, é necessário que se estabeleçam as diretrizes com os alunos e que estes se sintam seguros com o tema que vão expor e que tenham uma noção clara da organização e dos passos que devem seguir para fazerem a exposição de maneira a atingir positivamente os ouvintes.

Ao falar das características de um bom expositor e sobre a importância da valorização do conteúdo a ser exposto, Gomes-santos, (2012, p. 24) diz que:

Os documentos escritos são fonte inesgotável de informações para a exposição. Fonte prestigiada de registro do patrimônio historicamente construído pela humanidade. Daí que talvez nem uma nem outra habilidade seja tão central na tarefa do expositor do que ler. Pode-se dizer mesmo que a qualidade da exposição decorre do tipo de leitura feita pelo expositor; a exposição seria, assim, um registro, um indício, não apenas de um conteúdo, mas principalmente da maneira com que o expositor leu os textos do acervo.

Ainda sobre a importância do ensino da oralidade, Fávero (2012, p. 12) afirma:

Já é consenso que a língua falada deve ocupar um lugar de destaque no ensino de língua. A motivação para que essa modalidade seja trabalhada com tal relevo se dá, de um lado, porque o aluno já sabe falar quando chega à escola e domina, em sua essência, a gramática da língua.



3 METODOLOGIA

Para iniciar a pesquisa sobre a qualidade do trabalho com a exposição oral e a sua aplicabilidade como gênero ensinável, foi proposto um questionário cujas perguntas versavam sobre a familiaridade dos alunos em relação à prática das apresentações orais e sobre o nível de aceitação dessa prática. O alvo da pesquisa foram 32 alunos de uma turma de 9º ano do EFII, da E.E. Prefeito Zico Paiva. O questionário foi feito em forma de perguntas abertas e foi respondido individualmente pelos alunos.

As perguntas versaram, essencialmente, sobre as experiências dos alunos em relação às apresentações orais em sala de aula, como essas apresentações se davam e qual o ponto de vista desse aluno quanto a essa prática. Neste artigo, serão analisadas algumas dessas perguntas, com o objetivo de ampliar a discussão sobre a forma ainda precária como se tem trabalhado a oralidade formal em sala de aula.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Após a coleta de dados, apurou-se que a totalidade dos alunos se lembrava de ter participado de atividades que solicitavam uma exposição oral em sala de aula e que tinham como público, normalmente, o professor e o restante da turma. Segundo eles, as atividades sempre se deram em grupo e tinham o objetivo de apresentar o resultado de alguma pesquisa pedida pelo professor. Essa resposta vem ao encontro do que se lê em Dolz e Schneuwly et all (2004 p.125):

Embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula (nas rotinas cotidianas, na leitura de instruções, na correção de exercícios etc.), afirma-se frequentemente que ela não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas.

Outro ponto importante da pesquisa apontou que a exposição oral em forma de apresentações de trabalho ou em forma dos chamados seminários é uma prática



utilizada, na maioria das vezes, pelos professores das áreas das Ciências Humanas, como História e Geografia, e, em escala um pouco menor, pelos professores das Ciências da Natureza. As aulas de Língua Portuguesa não foram apontadas como um cenário em que essa prática se dá como rotina. Mais uma vez, as respostas apresentadas pelos alunos chamam a atenção para o fato de que as apresentações orais têm sido utilizadas muito mais como forma de demonstração de aprendizagem de um conteúdo do que como oportunidade de se agregar o desenvolvimento da linguagem oral.

Encontramos aqui a grande lacuna deixada pela escola no que se refere ao trabalho com a linguagem oral. Na escola, conforme Fávero (2012, p. 14):

Não se trata obviamente de “ensinar a fala”, mas de mostrar aos alunos a grande variedade de usos da fala, dando-lhes a consciência de que a língua não é homogênea, monolítica, trabalhando com eles os diferentes níveis (do mais coloquial ao mais formal) das duas modalidades – escrita e falada.

De uma forma geral, o que se percebeu nas respostas dos alunos é que as atividades de exposição oral são vistas como outras atividades, ou seja, são oportunidades em que apenas se avalia a capacidade de demonstrar ou não demonstrar um conhecimento enciclopédico visto como necessário para o currículo escolar. Mais uma vez, a escola não cumpre o seu papel, pois se limita a apenas cumprir as formalidades curriculares, sem se preocupar com a aplicação de alguns saberes. Mais uma vez, pode-se citar Fávero (2012, p.23).

Para participar de atividades dessa natureza, são precisos conhecimentos e habilidades que vão além da competência gramatical, necessária para decodificar mensagens isoladas, pois que as atividades conversacionais têm propriedades dialógicas que diferem das propriedades dos enunciados ou dos textos escritos. Na verdade, para tomar parte – interagir – numa conversação, é necessário que os participantes consigam inferir do que se trata e o que se espera de cada um.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa confirma que o gênero oral não tem recebido, por parte da escola, o tratamento e o cuidado que deveria, embora se trate de um gênero de extensa aplicação na vida prática de um indivíduo.

Concluiu-se também que, apesar de ser uma atividade, até certo ponto, bem recorrente em sala, a exposição oral não prima pelo cuidado por parte do professor que, na maioria das vezes, utiliza esse instrumento apenas como uma forma de avaliar o nível de assimilação de conteúdos ou de assuntos específicos. A prática não é alvo de análise do desenvolvimento da oralidade como forma de comunicação formal.

Como relevância desta pesquisa fica a constatação de que é preciso que sejam apontados caminhos para que a prática da exposição oral como gênero ensinável nas escolas se efetive o quanto antes, mesmo nos anos iniciais da Educação Básica, para que se possa oferecer aos alunos a oportunidade de se tornarem falantes mais competentes e aptos a exercerem essa prática além dos muros da escola.

REFERÊNCIAS

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; PIETRO, J-F.de. A exposição oral. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 218 (As Faces da Linguística Aplicada).

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino da língua materna. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOMES-SANTOS, S. **A exposição oral nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012. (Trabalhando com... na escola).